A OUTRA HISTÓRIA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Jean-Claude Alphen



Em A outra história de Alice no País das Maravilhas, reencontramos personagens da obra clássica de Lewis Carroll, como o Coelho, o Chapeleiro Maluco e a Rainha de Copas, além da própria Alice, em uma narrativa que retoma o enredo original para propor uma nova versão, sugerida pela protagonista. Como a menina Alice afirma nunca ter ouvido falar no País das Maravilhas, é ao Chapeleiro Maluco que cabe, a princípio, a função de narrador da história, resumindo em poucas palavras o enredo clássico de Lewis Carroll. A garota, então, propõe uma alternativa. Em sua versão da história, os acontecimentos inicialmente se desenrolam de modo semelhante aos do original, mas dão uma guinada a partir do encontro com a Rainha de Copas. A rainha deixa de ser uma personagem autoritária para tornar-se generosa com seus súditos, a ponto de não mais exigir que todas as rosas sejam vermelhas.

A narrativa de Jean-Claude Alphen, uma obra delicada com elementos metalinguísticos, se afasta do imaginário absurdo e desconcertante da narrativa clássica de Lewis Carroll para propor uma versão mais pacífica, em que a principal vilã deixa de lado a obsessão por decapitar cabeças e se torna uma aliada de Alice, apresentando uma faceta mais afável e carinhosa. Alice, em sua função de narradora, torna-se capaz de "domar" e enternecer a arrogante e cruel rainha. As ilustrações, em linhas soltas, vez ou outra preenchidas por pinceladas de aquarela, desempenham um papel tão importante quanto o texto, contribuindo para o tom suave da obra. Alphen convida o leitor a mergulhar na obra original de Carroll e a imaginar sua própria versão de Alice.



Coordenação: Maria José Nóbrega









Por aqui já lemos as outras releituras das histórias de Peter Pan e de Pedro e o Lobo, criadas pelo Alphen que se multiplicaram em referências e outras leituras para meus filhos e para mim. Essa outra história de Alice nos chegou em tempo favorável: não mais que um mês atrás, terminamos de ler juntos a Alice original, de Carroll.

Para as crianças, foi divertido e quase natural comparar as duas histórias. Meu filho mais velho, com 9 anos, apanhou ávido a versão de Jean-Claude, reconhecendo que o livro fazia parte da série de recriações do autor: "quero muito ver como ele fez a Alice!".

E a leitura nos tomou muito tempo, pois a cada página, a cada trecho, a cada fala, meus filhos insistiam em relembrar como aquela cena se passara na versão original ou relacionar aquele novo conteúdo a situações ou personagens lidos tão recentemente na obra inglesa.

Essa experiência foi muito diferente de nossas aproximações anteriores ao trabalho de Alphen exatamente porque meus filhos estão, neste momento, íntimos de Alice e do Chapeleiro e da Lagarta e da Rainha de Copas e até mesmo de Bill, o lagarto. Quando lemos a versão de Alphen para o Peter Pan, meu filho mais velho havia ouvido a versão original já há pelo menos dois anos (e isso é um punhado de séculos para uma criança). Em nossa leitura de Pedro e o Lobo, a trama estava muito mais próxima de nós pelas músicas, já que o enredo propriamente dito da obra de Prokofiev é bastante simples e está submetido muito mais às possibilidades de educação musical e treinamento do ouvido do que à complexidade das personagens e seus diálogos.

Com Alice é diferente. Alice viveu nessa casa por pelo menos dois meses, um pouquinho por dia, sempre antes de dormir. Ela e o Coelho Branco praticamente dormiram com meus filhos por todo esse tempo. O País das Maravilhas foi o quarto de dormir ao longo dessas semanas. Então, a apropriação das crianças com o livro é muito grande e as expectativas sobre qualquer coisa a respeito de Alice, intensas. Eu mesmo sou um grande fã dos livros de Lewis Carroll, já trabalhei produzindo músicas e espetáculos teatrais a partir deles, tenho três edições diferentes do País das Maravilhas e duas de Através do espelho, enfim, sou um aficionado.

E Jean-Claude correspondeu a nossas expectativas de uma forma incrível! A história de Alice dentro

da história de Alice, no formato como o autor propõe, dialogando com o próprio original, as proposições de alteração que a própria Alice dá, a beleza da gestualidade já familiar do traço e das cores.

Especialmente marcante a forma como o livro apresenta a questão do sonho e da realidade confundidos, com a página noturna em contraposição à clareza das outras. Meu filho notou algo especial nessa passagem, mas não soube explicar o quê. "Ela acordou de um sonho?". É fantástico que ele perceba que algo ocorreu, ainda que não saiba nomear, pois é disso que são feitas as histórias: de percepções que não precisam de nome e recorte definido.

Por último, minha filha menor amou o livro! "Eu não sabia que copas era coração, pai!". Essa descoberta foi fabulosa para ela, que agora desenha corações com números e letras e diz que são as cartas da Rainha de Coração.



Um pouco sobre o autor

Jean-Claude Alphen nasceu no Rio de Janeiro, em 1965. Criado na França, voltou ao Brasil em 1976, onde estudou Publicidade e Artes Plásticas.

Na década de 1990, começou a se dedicar à literatura infantil, inicialmente como ilustrador e posteriormente como escritor. Seu primeiro livro, *Cabeça de Sol*, foi publicado em 2008, em parceria com sua irmã. Desde então publicou aproximadamente quinze títulos. A carreira de escritor e ilustrador rendeulhe diversos prêmios, destacando-se o prêmio da Revista *Crescer*, o prêmio literário Gloria Pondé e o prêmio Jabuti. Entre livros ilustrados e escritos, Jean-Claude Alphen tem mais de oitenta publicações.



Do mesmo autor e do mesmo gênero

- A outra história de Cachinhos Dourados. São Paulo: Salamandra.
- A outra história de Peter Pan. São Paulo: Salamandra.
- A outra história de Chapeuzinho Vermelho. São Paulo: Salamandra.
- A outra história de Pedro e o Lobo. São Paulo: Salamandra.



